

Grupo: AÇÃO DIRETA

II

Claudio de Lisle

A Propriedade e o Socialismo

A propriedade é um roubo.

PROUDHON.

A expropriação é uma necessidade.

KROPOTKINE.

1906

Typ. A PUBLICIDADE

147, Rua do Diário de Notícias, 151

LISBOA

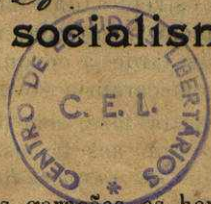
Jose Augusto Mendes Setubal em
maio de 1906

Artur Augusto de Oliveira

A propriedade

14-4-928

e o socialismo



No espaço de muitas gerações os homens viveram errantes como animaes selvagens, constituindo, todavia, uma raça mais robusta do que a actual. Nessas eras distantes não sabiam arrotear os campos, o feno era-lhes desconhecido. As arvores não eram podadas, não lhes arrancavam os ramos e hastes que prejudicavam a condição dos frutos.

Todos os conhecimentos elementares da agricultura estavam ainda por adquirir nos homens primitivos.

O que a natureza nas suas mais grosseiras produções lhes dêsse; o que o sol e as chuvas fizessem a bem de fertilidade das terras, bastava a satisfazer os seus desejos e necessidades. Eram de tal fórma rudes os seus habitos que nem sequer sabiam cobrir-se com os despojos das feras que venciam. O fogo era-lhe alheio, bem como todos os costumes e leis humanas.

Mais tarde, no decurso dos tempos, principiaram a construir cabanas a que se acoitavam: as primeiras e mais intensas sensações de frio mostraram-lhes a necessidade de se cobrirem com pélles. O raio trouxe-lhes o fogo no estrepito das tempestades. O fogo deu ao homem nova vida, nova força. Esta deu-lhes mais tarde a conquista; construíram cidades, e começaram a governar o mundo.

Nesta fase, sem duvida, os fortes e astutos disseram aos fracos e ingenuos: « *Isto é meu e tens que respeitá-lo* ».

A imposição tornou-se um facto, a instituição da propriedade nascia e por toda a parte o reinado da miseria e do crime inaugurou o seu periodo de funcionamento nefasto.

Os fortes e astutos souberam subjugar de tal modo os fracos e ingenuos que em pouco tempo o mundo inteiro caiu sobre o poder dos primeiros. Desde então a humanidade vive num estado permanente de luta implacavel. Vícios nefastos, crimes sobre crimes, cadáveres aos montões, taes são os frutos colhidos da propriedade individual!... E porque foi éla adquirida mediante violencias, roubos e usurpações, afirmamos hoje que a propriedade individual é a origem do delicto e dos vícios corruptores que a sociedade tem engendrado. Afirmamos ainda que é éla a unica causa geradora de todo este abismo social de torpezas, iniquidades, deprecações, hecatombes e

orgias que fazem do mundo inteiro uma Babilonia colossal e tragica.

A maior parte dos sociologos concordam comnosco em que a propriedade é a causa evidente da injusta organização actual, do privilegio, da servidão do proletariado, do despotismo daquêles que a possuem. E comnosco concordam tambem em que, para sanear tão terriveis efeitos, preciso se torna suprimir a causa, isto é, destruir a monstruosa instituição da propriedade individual.

Todos, tanto socialistas como inovadores de qualquer doutrina, combatemos o sistema de propriedade capitalista, mas quando se trata dos meios de combate e no modo de reconstruir a sociedade nova, principiam as cisões.

Nós, como socialistas libertarios, afirmamos que o unico meio aceite pela razão, para equilibrar as relações da organização do futuro, é suprimir á propriedade os caratêres de individualismo, tornando-a em posse comum. Não deve pertencer a alguem, exclusivamente: —Ninguem será possuidor privilegiado, tudo pertencerá a todos indistintamente, gosando todos os frutos que esse todo, fuccionando, proporcione.

Outros, sem embargo, apesar de haverem reconhecido que a propriedade tal como está organizada é a causa da pobreza, querem restringi-la.

Referimo-nos aos socialistas autoritarios.

Estes, de boa ou má fé, creem que com o seu sistema em materia politica e economica, a sociedade poderia salvar-se da tremenda *débâcle* que a ameaça. Mas, como todos aquêles que receiam e não querem destruir dum golpe a grande causa do mal, incorrem num gravissimo equivoco.

Pretendem realizar uma Revolução, derramar sangue para a abolição de instituições velhas e no dia seguinte ao da vitoria, tratam de reproduzir na nossa organização aparentemente transformados, os principaes erros que caraterizam a sociedade atual. Querem, sobretudo, que o povo consiga a abolição da propriedade individual, mas em seguida tratam de dar *a cada um o produto inteiro do seu trabalho*. Este facto, em nossa opinião está na maior contradicção com a natureza fisico-moral do homem e nem sequer nos pômos a imaginar como isso possa caber em cerebros inteligentes como os que conhecemos no partido socialista autoritario.

Não obstante o facto leva-nos a emitir algumas considerações ácerca de tão importante assumpto, apesar de que outros o hajam feito antes de nós e por forma bem mais superior.

Dar *a cada um o produto integro do seu trabalho* equivale a dizer ao homem: não sejas solidario com os teus semelhantes, sê egoista, trata apenas de ti. Essa formula em nada corresponde aos sentimentos de justiça em que ha-de basear-se uma sociedade nova.

Um exemplo:

Suponhamos que um individuo para satisfazer ou apenas acudir ás suas necessidades precisa produzir quantidade egual a 20 e as suas forças, apesar de muitos sacrificios, só lhe permitem haver productos proporcionaes a 10.

Teria de viver em eterno deficit com o seu corpo ao passo que outro, pela natureza dotado de forças herculeas e de ótimas condições, com um pequeno esforço produziria o valor de 30, necessitando tão somente 15 para satisfação das suas necessidades. Este viveria em continua abundancia.

Não é isto justo nem rasoavel porque nada têm de progressivo ou humauo. Toda a justiça que a tal formula possa encerrar é absolutamente destituída de criterio moral: visto que éla coloca os homens na mesma situação de luta ineruenta, em que o mantém os governantes e capitalistas atuaes, seria uma blasfemia atribuir-lhe qualquer sentido justiceiro. Além disso, na organização socialista nem tudo terá o mesmo valor, haverá necessariamente producto a que terá de atribuir-se maior valor que a outros, e nem todos nós, por lei natural e fisiologica, haveremos de empregar a mesma força e a mesma inteligencia na produção variada, existindo portanto como atualmente, trabalhos limpos e sujos, pesados uns, outros ligeiros. E o homem orientado na verêda do seu bem estar individual, sem reconhecer a situação alheia ou interessar-se por éla, seria fatalmente

um egoista e escolheria na propria sociedade socialista aquêles dos trabalhos que visse melhor retribuido e lhe fosse mais facil e menos pesado, maldizendo e detestando os que offerecessem mais difficuldade e menos lucro, tal qual hoje acontece. Isto, apesar de o não quererem ouvir os senhores socialistas, daria logar a que houvesse superabundancia de braços num determinado ramo de produção e falta noutros. Perante o facto e em consequencia dum estudo atento das relações sociaes da actualidade e do futuro, nós os libertarios, fomos levados a considerar que não ha intelligencia por mais desenvolvida e subtil que seja, capaz d'avaluar o trabalho de um individuo. Quem poderá afirmar que o meu trabalho vale cinco, se só eu conheço a soma d'atividade intellectual e muscular que nêle gastei?

Quem estará habilitado a analisar o trabalho alheio, sem incorrer em erros manifestos? Quem ao fazel-o, poderá evitar apreciações falsas ou influencias do ambiente?...

O nosso organismo apesar de constituir uma parte do maquinismo universal, tem todavia um funcionamento individual que apenas cessa com a paralisação da vida. Assim, cada qual sofre, em face dos acontecimentos ou casos que á sua vista se offerecem, um certo numero de sensações que seria difficil constatar em todas as demais pessoas.

Suponhamos que assistindo a uma representação teatral, a acção desenrolada no palco me

causa uma impressão diferente da que vejo transparecer nos outros espectadores, dos quaes ainda uns aplaudem com entusiasmo, enquanto outros se riem a bandeiras despregadas. Posso ter um conceito proprio ácerca de determinada coisa ou questão, mas não posso exigir que outros aceitem os meus pontos de vista, baseando-me em leis verdadeiras ou positivas. Posso ter uma percepção especial das côres, exprimir a sensação do vermelho sob a influencia fisica ou psiquica de certas circunstancias; poderei tambem ouvir e meditar as explicações que outros me deem sobre o efeito visual da mesma côr a seu modo e grau de percepção, mas não poderei encarnar-me nêles com o fim de averiguar se essa impressão se faz tão consentaneamente como em mim proprio. Não posso trocar os meus olhos pelos dos outros e inversamente; posso muito bem ter a noção do peso, que pode estar em conformidade com a d'outras pessoas; mas o que nunca poderei saber ou avaliar é o grau de força que cada um emprega nos movimentos feitos com certos pesos. Posso engulir uma iguaria, sumamente agradável ao meu paladar, poderão os outros achal-a boa também, mas nunca saberei se o sabor que os outros lhe encontram é absolutamente igual ao que me delicia. Assisto a um concerto vocal e instrumental, extasiam-me as variações e têmeas que ouço, ao passo que outros se conservam impassiveis por que nêles não encontram emoção belezas musicâes.

Poderia, admitindo ainda esta hipotese, esse mesmo concerto despertar nos outros uma suave estesia, mas o que certamente não conseguirei afirmar, é que os nervos d'outra pessoa tenham sentido a mesma vibratilidade que nos meus despertou uma sensação volutuosa de determinada natureza:

E assim sucessivamente.

Devemos tambem acrescentar que nem todos os homens possuem no mesmo grau a comprehensão das coisas. Nem a todos parece bom, o que o é para mim; é natural que eu ache mau o que muitos consideram bom. Ha quem não seja solidario com o meu modo de vêr, com meus gostos pessoaes, etc., porque nem todos os organismos, apesar das analogias de estrutura, possuem as mesmas impulsões no funcionamento e ação exterior da sua vida.

Independentemente de toda a condição moral do homem, o que afirmamos n'um sentido, qual é a supressão do governo, tome êle o nome que tomar; não queremos que a sua existencia se mantenha á custa do camponez que se extenua no cultivo da terra sob o rigor das estações e do operario das cidades que no tormento das oficinas se mortifica e definha para transformar a materia-prima nos produtos variados da industria. Os nossos bons socialistas, constituindo um governo, ou seja, uma administração superior para regular e avaliar a parte que corresponde a cada trabalhador, do trabalho que exerce, cometem uma revoltante in-

consequencia que será uma nova infamia. Dar ao novo Estado a direção e administração de todos os ramos da vida social, é querer submeter as futuras gerações produtoras, á tirania d'um burguez unico.

O Estado constituirá um novo corpo burocratico encarregado de regularisar e equilibrar o valor dos produtos, de evitar a superabundancia de braços em determinados trabalhos e a escassez em outros, de estabelecer a troca de produtos e muitas coisas varias.

Necessariamente tal sistema crearia descontentes.

Que deveria fazer-lhes? Reduzil-os ao silencio. Os homens do estado socialista serão, nesse caso, o burguez que mais que lentamente suga o precioso sangue dos produtores; o commerciante que aufere criminosos lucros do seu trafico; o magistrado que dita *vereditums* e o legislador absoluto. Em suma se amanhã os revolucionarios, ao derrubarem a formidavel Bastilha do capitalismo, intentassem edificar a sociedade socialista-estatista, teria aquêlê grandioso esforço o mesmo deploravel resultado que se houvessem de inaugurar uma nova éra de luta fraticida, bestial, entre os homens.

Objetár-se-nos-ha: — Vós possuíis a certeza de que na sociedade anarquista todos os produtos de primeira necessidade obtenham a abundancia? Sim, respondemos nós, porque sabemos que o homem da nossa sociedade não será o ignorante nem o egoista da de hoje. Para

que a sociedade possa funcionar regularmente, saberá o que será preciso produzir, pois que, pela educação, pelo meio e pelo exemplo que o rodeiará, procurará satisfazer todas as urgencias que a sociedade necessite. Tudo obterá a abundancia, não só para nutrir os milhões que atualmente povoam o mundo, mas tambem outras trez partes se assim fosse preciso.

A mecanica, a chimica, a ciencia nas suas multiplas e variadas manifestações, dão-nos elementos para lutar vencedores contra todas as dificuldades que possam apresentar-se.

Sem mesmo fazermos considerações sobre o futuro, poderíamos tomar o exemplo do presente. As estatisticas denunciam-nos um aumento diário de produção; o dobro na agricultura e o triplo nos produtos industriaes. E de facto, vereis armazens regurgitantes de generos, tendentes á putrefação, ao passo que milhares e milhares de proletarios vivem na inercia. Esta abundancia que apodrece, é tambem em parte devido a que a má organização da sociedade não consente que o homem se utilize comodamente do que lhe faz falta. E a avareza dos nossos comerciantes e industriaes preferem que os generos apodreçam, antes que consentir que os famintos que os produziram, se utilizem d'êles ao seu devido tempo.

Com tudo, embora todos acudissemos largamente á satisfação das nossas necessidades, apesar dos meios de produção burgueza, sempre haveria uma superabundancia consideravel de

produtos. E isto hoje, que, pode dizer-se, a mecanica está no seu estado embrionario! Que será, então, amanhã, quando todos os progressos tenham alcançado o seu maior desenvolvimento?

O dar a cada um o produto integral do seu trabalho, poderá ser uma convenção social, mas é preciso ter-se em conta que dêste produto integral será necessario subtrair uma parte para a manutenção do Estado e para outras bogigangas que f rem precisas. E além disso, numa convenção social tambem vivemos hoje. Os burguezes, ou de bom grado ou pela força, fazem-nos aceitar um convenio que com outros fizeram e nós a êle nos subjugamos.

Sem duvida, se o socialismo autoritario chegara um dia a ser norma de uma sociedade organizada seria o promotor da mais feroz das lutas humanas. Examinae-o e estudae-o profundamente. Haverá de recorrer á caridade dos bons ou a umas semi-contribuições para o mantimento dos velhos, dos invalidos e das creanças. Neste caso, o principio colétivista, será a negação do elevado principio da solidariedade humana, aliás, os anarquistas, abolindo o salariato e todo o valor nos objéto, anulando em absoluto o principio da propriedade individual e negando toda autoridade legislativa, estabelecem o verdadeiro principio solidario.

Os fortes, na sociedade socialista, poderão conseguir mais d que precisam, pois que as suas forças e condições assim o determinam. Os

fracos não conseguirão tudo o que necessitem, visto que as suas forças e condições fisico-moraes assim o determinam também. Aquêles terão sempre um superfluo que chamarão seu porque é um sobranço da integridade do seu trabalho que constituirá a sua propriedade individual que poderá legal-a a quem melhor lhe apraza, ao passo que estes viverão em eterno *déficit*. Estes serão os novos descontentes, os que brevemente constituirão um partido em opposição aberta ao sistema funcionante. Os homens deste haviam de se defender dos ataques d'aquêles, procurando soffocar todo o sopro de inovação que saísse do fundo da plebe, da mesma forma que procedem os nossos governantes, defensores a todo o custo das tiranicas instituições atuaes. Se ousará dizer-nos que o direito á herança será abolido e que o Estado entrará na posse das economias que alguém houvesse feito. Neste caso também cometeria uma violação ao direito individual.

Demais, como é possível a avaliação do trabalho? quem medirá a intelligencia d'aquêles que ha-de avaliar o trabalho? Como pode ser isto feito, quando nem o próprio executor pode em ciencia certa saber a parte que lhe corresponde n'um trabalho por êle executado? O nosso trabalho, senhores socialistas, não é exclusivamente nosso, êle não é totalmente individual; contribuíram para êle talvez diversas coletividades. O nosso trabalho não é só obra nossa; nêles, muitos outros antes que nós, tomáram

participação e talvez a tenham que tomar depois. Para o nosso trabalho, contribuíram já os nossos antepassados, aquêles que fizeram progredir as sciencias e as artes, aquêles que inventaram e aperfeiçoaram mecanismos e todos aquêles em suma que contribuíram e seguem contribuindo para a grande obra do mundo e da vida. E é por este facto que nunca podemos afirmar: d'este produto, pertence-me esta parte.

Suponhamos: sou chapeleiro (1); antes que o chapéu chegue ás minhas mãos para o trabalhar, passa pela laboração de diversos maquinismos e tem um trabalho complicadissimo no que contribuem diversas pessoas. Todas estas pessoas dizem, que lhes pertence uma parte do chapéu. O mineiro que desceu ás entranhas da terra, expondo a vida, para nos dar o minerio com o que o fundidor havia de fundir as letras; o escritor e o tipografo que imprimiu o livro escrito por aquêlé; o inventor e o serralheiro mecanico que tem contribuido para a construção do mecanismo, a mesma natureza das coisas me exigem uma parte do chapéu, porque na realidade, todos contribuíram para êle.

Como e quem poderá dizer com exatidão a parte que a mim e a cada um nos pertence? Se este fenomeno pudera dar-se, seria o mais bri-

(1) Apresentamos esta profissão, porque das diversas que conhecemos e temos examinado e pelas explicações dadas por pessoas entendidas, reconhecemos ser esta uma das profissões mais complicadas para que nos possa servir de exemplo para o nosso estudo.

lhante dos achados que a intelligencia humana houvéra encontrado.

Nada no mundo é novo, tudo obedece a leis de transformismo, a leis evolutivas. O inventor de uma maquina não pode chamar seu o invento, porque a ideia foi-lhe transmitida por outros funcionantes, embora em occupaões diferentes. Êle estudou em livros; escritores e tipografos, fomentaram-lhe as ideias adquiridas, deram-lhe nova fase e corrente aos conhecimentos; a final, as gerações passadas e a atual são as que deram e dão vida ao novo invento. Avalie-se, nestes casos, a parte que lhe corresponde ao inventor por ter dado o desenho e as indicações para a construção de uma maquina.

Ao nosso ver, o sistema socialista não pode de forma alguma assegurar e consolidar a paz e a fraternidade entre os homens, porque não garante a maxima liberdade na produção e no consumo e porque não afiança a igualdade de condições economicas, como garantia á justiça e á solidariedade. O sistema coletivista ainda conservaria no seu seio o germen do odio e da rivalidade, os homens ainda não seriam moral nem materialmente emancipados.

Eis, porquê.

Existindo diferença na avaliação dos productos, aquêle que exercesse um trabalho material, quizera ser melhor remunerado que aquêle que exercesse outro exclusivamente intelectual. O operario da fabrica, provavelmente, quizera ser melhor retribuido que o medico, o pro-

fessor, o engenheiro; querendo estes, por sua vez, sê-lo melhor que aquêle. As ambições, os egoismos, não teriam desaparecido, porque o sistema de avaliação dos produtos, teria apenas sofrido uma modificação. E posta a questão neste terreno, quem poderá estabelecer um equilibrio entre as duas partes?... Ninguém, porque ninguém pode avaliar o trabalho do professor, do medico nem o do engenheiro, assim como tampouco pode avaliar-se o do operario. No nosso trabalho individual, repetimos, tomaram participação outros homens e até outras gerações, pois que n'uma palavra, o nosso trabalho individual tem relação com o trabalho de todos. Sendo assim, ninguém em absoluto, pode saber a parte que lhe corresponde n'um trabalho determinado, e mormente quando se desconhecem os dissabores, as privações e o dispendio d'atividade que outros nêle gastaram.

Alongando-nos até em outras considerações, poderíamos dizer que, por vezes, um trabalho de primeira necessidade, no que fosse empregado menos tempo e se fizesse com mais facilidade, poderia ser considerado como de mais valor, ao passo que outro de luxo, no que se empregara mais tempo e fôra mais custoso e difficil, poderia ser menos remunerado. Poderia acontecer, como já se viu, que, generos tidos hoje como de primeira necessidade, devido ao progresso e aperfeiçoamento constante do mundo e das coisas, mais tarde, passaram a ser considerados como objéto de necessidade se-

cundaria, ao passo que generos tidos como de luxo passaram a ser considerados como de primeira e imprescindivel necessidade. Neste caso então, o governo socialista, ver-se-ia forçado a recorrer á mudança de remuneração para estabelecer o equilibrio. Desta forma, o trabalho, seguudo a época e a precisão que dêle houvesse, variaria na apreciação do seu merito e de estima no seu valor.

Eis, aí, como com este sistema, certo objéto considerado de luxo, se veria mais tarde converter-se em necessario e indispensavel e consequentemente mudar de retribuição. Por consequente, veriamo-nos envolvidos em tal maldeixa, metidos em tal labirinto, que mui difficilmente conseguiriamos encontrar a saída.

De outra parte, embora um trabalho custasse mais privações e lagrimas, pelo simples facto de ter um crescido numero de contribuintes, poderia ser peor retribuido que outro que custasse muito menos mas que tivesse um numero de individuos a êle applicados mais reduzido. De modo, como já dissemos, cada qual escolheria a profissão ou arte que melhor remunerada fosse, pondo de lado a profissão ou arte que a sua indole ou condição natural lhe indicasse. Neste caso, como facilmente pode comprehender-se, as artes e as ciencias não obteriam aqueles aperfeiçoamentos expontaneos que lhes competem, porque as vontades dos individuos, as mais elevadas expressões do seu querer estariam amoldadas ao beneficio pesso-

al. Sem duvida, pois, isto seria um grande obstaculo, uma barreira enorme ao livre curso do progresso.

Está incontestavelmente provado que um Estado, seja qual fôr e tome êle o nome que lhe aprouver, será sempre tirania e despotismo. Isto será a sua essencia principal. Por mais benevolo e justiceiro que se apresente será sempe tiranico, porque nunca poderá fazer as coisas de forma para contentar a todos. O Estado idealizado pelos homens do socialismo autoritario, poderá regular a avaliação do trabalho, poderá tentar avaliar o merito de um e o merito de outro que nada obterá que esteja em boa harmonia com a natureza dos individuos e da sociedade. Mais ainda; quanto mais avaliar e regular, menos se afastará dos limites da escravidão, do predomínio e do orgulho. Tudo quanto fizer, ha-de estar em contradição com a verdadeira liberdade, com o verdadeiro principio economico e haverá de produzir o descontentamento atual e o desequilibrio que provem dessas relações.

Ainda ha mais. Embora supondo que o Estado socialista conseguisse harmonisar a marcha dos trabalhos e se encarregasse de que não houvesse abundancia de braços em uns e falta em outros, poderia muito bem succeder que, um individuo, cuja predisposição favorita lhe indica que dedicando-se a carpinteiro resultaria um bom artista, pelo facto de faltarem medicos e sobrarem carpinteiros, haveria de dedicar-se

ao estudo da medecina ou ao cultivo das letras. Outro que dedicado á mecanica poderia dar um bom mecanico ou um engenheiro, mas pelo facto de faltarem pintores e sobrarem os mecanicos, haveria de se dedicar ao estudo da pintura. Assim o teria decretado o Estado socialista, e cometeria um áto de revolta, digno de castigo, todo aquêl que não aceitasse o tal decreto. Seria isto a maior negação do exercicio das vontades e aptidões individuaes; seria a mais manifesta escravidão, o maior retrocesso, a maior infamia.

Oh! ninguem poderia ser amplamente livre de escolher aquella profissão ou arte pela qual sentisse vocação. De sorte que as artes e as ciencias pouco progrediriam, visto que, aquêlles que lhe poderiam dar maior impulso, ver-se-iam talvez forçados a ocupar-se em trabalhos alheios á vocação propria.

Em suma, como anarquistas, somos de opinião que o socialismo de Estado, longe de se fundar no progresso e na evolução social, funda-ee na escravidão e na desigualdade economica. Por isto queremos que o comunismo o substitua nas suas relações economicas e a anarquia nas suas relações de ordem politica.

A nossa organização futura, para a sua boa norma e função, não precisa de nenhum governo que a dirija. Todas as suas relações se resolverão e executarão em conformidade com as necessidades de então ou como julgarem opportuno ou conveniente os individuos que com-

ponham a nova sociedade. O comunismo e a anarquia, eonstituem a mais alta harmonia social e o maximo equilibrio economico. São estes dois vocabulos a mais pura expressão da verdadeira liberdade tanto em economia como em politica. Para nós, a liberdade de um, funda-se na liberdade de todos e a de todos na de um, garantida pela civilização e o progresso.

Devido a um indefinido progresso e a uma continua evolução do bem estar economico e social de uma orgauização nova, o homem, por certo, quererá o proprio bem, que será assim mesmo o bem de todos; desejará a felicidade propria, porque será igualmente a de aqueles que o rodeiam; cooperará para o seu interesse individual, cooperação que resultará tambem no interesse dos outros.

E isto será fatalmente assim, porque é uma lei filosofica e natural.

A liberdade para nós, não é aquelle liberdade absoluta que pelo facto de se chamar liberdade pode utilizar-se embora em prejuizo dos outros. A nossa liberdade, no seu exercicio, ha de estar sempre visando o bem comum, o bem de todos. Será, sem embargo, evolutiva, progressiva, porque haverá sempre de responder ás crescentes necessidades dos homens e da sociedade; haverá de estar em relação perene com os progressos que continuamente façam os povos. Nós queremos ser livres, politica-economica e socialmente falando. Tal é a liberdade como nós a entendemos.

O comunismo e a anarquia destroem todo o indício de propriedade privada, todo o vestígio de autoritarismo e põe todos os homens em eguaes meios de vida e de desenvolvimento. Todas as esféras do saber humano estarão abertas e facultadas a todos os individuos, procurano que desapareçam todas as infamias e todas as injustiças.

Os efeitos do comunismo e da anarquia, não serão certamente os desastrosos efeitos de que hoje tanto nos queixamos; não serão efeitos que influam tanto no sentimento do homem até convertel-o em um revoltado contra a sociedade onde vive; não serão efeitos que produzam lagrimas, com quanto a causa que tanto mal produz será aniquilada pela acção revolucionaria, que por necessidade imperiosa, para não voltar aos erros do passado, ver-se-ha forçada a atacar até ás raizes esta planta cujos venenosos fructos contagiam de mal todo o mundo, procurando destruir tudo quanto é mau e prejudicial e pode ser um perigo á boa saude do corpo social futuro; abolindo tudo quanto for pernicioso e symbolico dos crimes e barbaridades dos nossos tempos.

Desta forma, abolidas as causas, os efeitos desaparecerão por si mesmos, e pouco a pouco se irão modificando em tudo e por tudo os usos e os costumes. Então, sem policias que vigiem os homens: sem juizes que hajam de submettel-os ao preceituado nos codigos: sem miistros nem deputados que confeccionem leis

para tudo regular e administrar, o mundo proseguirá na sua carreira progressiva porque os homens terão súmo interesse em que o mundo progrida e se desenvolva. Os homens, sem duvida saberão fazer respeitar a propria liberdade e o proprio direito.

As nossas ideias são as destinadas a fazer um mundo novo, pelo que podemos afirmar que o futuro será nosso, por muito que dôa a todos os nossos adversarios. De que o porvir em breve ha-de ser nosso, o tempo será testemunho. Êle, incontestavelmente, ha-de nos dar a razão, pois que êle é o tudo; a realidade, o certo. O tempo vê e logo revêla. E é por isso que muitissimos filosofos antigos e modernos dão ao tempo a importancia que merece. Êle dissipará ás trevas, fará ver como as nossas doutrinas não são utopias, nem visões, nem sonhos, mas sim puras realidades. O tempo passado deu motivo para que se escrevesse a historia de tudo o sucedido nas diversas epochas pelas quaes a humanidade atravessou, foi ele quem deu origem á afirmação de que a utopia de hontem é a realidade de hoje, assim como a utopia considerada de hoje ha de de ser a realidade de amanhã.

O mais essencial, não obstante, é que propriedade e governo desapareçam, para nascer a aurora d'um novo dia, inaugurando a fase a um mundo novo, que nasce tambem, onde os homens hão de levar uma existencia cheia de felicidade e de ventura.

Tudo parecerão visões de sonhadores, mas não é tanto assim, por que o nosso ideal, não nasceu de cabeças ôcas ou de cerebros doentios, nem sequer do odio que os proletarios poderiam ter aos capitalistas, por estes injustamente serem possuidores de derteminadas garantias sociaes ao passo que aquêles gemem sob o peso ignominioso do vilipendio. O nosso ideal, é já sabido, resulta ser a essencia de um longo estudo feito sobre todas as outras escolas politicas e sociaes. Não é, com tudo, o ideal definido e estacionario; nêle cabem todos os progressos e todas as modificações que a sciencia e a filosofia nos forem subministrando.

O anarquista conhece o mundo e as suas constantes evoluções; êle proprio é o produto da constancia d'essas evoluções. O anarquista conhece a historia do mundo e dos povos e é consequente com éla. Reune em si quatro condições de importancia primordial.

1.^a Evolucionista. — 2.^a Revolucionario. — 3.^a — Destruidor. — 4.^a Reconstructor.

Evolucionista, porque aceita todas as evoluções, e progressos que sejam tendentes ao melhoramento da sociedade; revolucionario, porque a propria historia lhe indica que sem efétuar a revolução não será possivel o triunfo das novas aspirações; destruidor, porque cansado de ver e padecer tanta infamia e ultrage quer destruir tudo quanto lhe impéça o livre estabelecimento dos principios que assegura hão de beneficiar a vida; é reconstructor, porque

uma vez abolidas as coizas velhas quer estabelecer coizas novas, que estejam em harmonia com o que êle quer e pensa.

O anarquista mais do que ninguem, reconhece o direito da inviolabilidade da existencia humana. Por isso é um revoltado contra a ordem existente:

Burguezes cujo refinamento na exploração chega ao cumulo, commerciantes, que pela avareza envenenam e intrujam o comprador das mercadorias; governantes que impõem tributos para mais minorar a jorna do proletario, aristocratas, que, em luxuosas carruagens ou velozes automoveis, correndo pelas avenidas imponentes, sujam de lama o rosto das multidões trabalhadoras, que com a sua passividade e cordura lhes deixam o passo livre, essas enormes, falanges de burocratas, de clericaes, militares profissionaes e de parasitas de toda a casta, são para o anarquista os adversarios, porque vivem do trabalho alheio sem serem em nada uteis á sociedade. Não são adversarios como pessoas, como homens, mas como instituições.

Breves palavras

Por falta de observação, devido á abreviada manufatura do folheto Em tempo de eleições, o primeiro da nossa biblioteca, não se publicou o nome do seu autor, que é o nosso conhecido e apreciado camarada Enrico Malatesta.

Devido á inesperada aceitação que teve esse bello trabalho de propaganda, apresentamos hoje aos camaradas o presente folheto que constitue um dos capitulos do livro em preparação: Um mundo que morre e outro que nasce.

Depende pois, da aceitação que este nosso novo esforço tiver na consciencia de todos os sinceros amigos do ideal anarquista, a publicação continua da série de trabalhos que temos vontade de divulgar.

A este, seguir-se-ão publicando outros livrinhos sobre os mais variados assumptos ao alcance de todas as intelligencias, que no seu conjunto, formarão um bello volume de combate e critica mordaz contra todos os dogmas, preconceitos e privilegios da sociedade burgueza e capitalista.

São os seguintes os preços porque fornecemos o presente folheto: 1 exemplar 20 reis; 10 ex.^{es} 160 reis; para os grupos 50 ex.^{es} 700 reis.

Satisfazem-se prontamente todos os pedidos quando acompanhados das respétivas importancias.

O Grupo: Ação Diréta.



O que todos devem lêr

E. ZOLA.....	O Trabalho.....	700 rs.
»	O Germinal.....	600 »
SILVA MENDES	O Socialismo libertario.....	600 »
J. GRAVE	A Sociedade Futura.....	600 »
T. DA FONSECA.....	Evangelho dum seminarista.....	500 »
E. RECLUS.....	Evolução e Revolução.....	400 »
H. SALGADO.....	As Mentiras Religiosas.....	300 »
A. HAMON.....	Determinismo e Responsabi- lidade.....	300 »
»	Psicologia do Militar Profis- sional.....	400 »
»	Patria e Internacionalismo	20 »
STEPNIAK.....	A Russia Subterranea.....	250 »
L. D'OLIVEIRA.....	A Justiça e o Homem.....	200 »
F. BOUTET.....	As Victimias.....	150 »
S. GUSTAVO.....	A Mulher.....	100 »
TALEYRAND.....	Carta a Pio VII.....	100 »
P. KROPOTKINE.....	A Moral Anarquista.....	50 »
»	Um Seculo de Espéctativa.....	30 »
E. ARAÑA.....	A Escravidão Antiga e Mo- derna.....	60 »
P. GORI.....	A Anarquia Perante os Tri- bunaes.....	60 »
J. PRÁT.....	As Mulheres.....	50 »
ETIEVANT.....	A Minha Defeza.....	40 »
B. BETENCOURT.....	Catecismo ateu.....	30 »
LIBÉRTAS.....	O rei e o anarquista.....	30 »
PI E MARGALL.....	Razão e Christianismo.....	30 »
S. MERLINO.....	Porque somos anarquistas.....	30 »
J. THONAR.....	O que querem os anarquis- tas.....	20 »
J. MÓST.....	A Péste Riligiosa.....	20 »
A. GIRARD.....	Educação e Autoridade Pa- ternal.....	20 »
L. BULFFI.....	A Grêve de Ventres.....	20 »
C. LIMA.....	Nova Crença.....	50 »
»	A Questão Social.....	20 »
G. Q. PÃO.....	O 1.º de Maio e o Salaria- do.....	10 »
E. MALATESTA.....	Anarquia.....	
»	Em tempo de Eleic	

Novos Horisontes, publicaç. mensal,
A *Vida*, semanario anarquista, mez.

Toda a correspondencia e pedidos, podem se

Hilario Marques—Caes do Soc

AHS

4038

Shi